

MUITO DINHEIRO NO BOLSO, SAÚDE PRA DAR E VENDER!

Quase todo mundo conhece a famosa canção popular de final de ano. No desejo de alcançar prosperidade e recursos materiais, repete-se o refrão popular: “Muito dinheiro no bolso, saúde pra dar e vender”.

A velha e tradicional canção traz à tona o desafio que o cristianismo tem em sua jornada histórica. A fé cristã arquiteta-se numa tensão dialética entre a contextualização e pureza doutrinária. Embora o cristianismo ajuste-se a qualquer contexto com facilidade, sua doutrina foge do sincretismo que ameaça sua identidade. Esta tensão é um desafio permanente na história da igreja e, devido ao crescimento extraordinário da fé nas últimas décadas, torna-se um desafio contemporâneo expoente.

O triunfo do capitalismo e do neoliberalismo como filosofia econômica, aliado à perspectiva pós-moderna e ao misticismo histórico do povo brasileiro, construiu um cenário favorecedor para uma teologia popular marcada pela prosperidade. A nova onda triunfalista abraçou a chamada teologia da prosperidade, que enfatiza que estar bem com Deus é ter “muito dinheiro no bolso, saúde pra dar e vender”. Numa inversão da teologia da libertação, seus propagadores afirmam que Deus está do lado de quem tem recursos financeiros. A bênção divina não é apenas a salvação, mas também e principalmente riquezas terrestres.

Nesse novo cenário, a falta de recursos materiais ou de saúde perfeita é interpretada como falta de fé ou como obra do mal. Há uma sincronia de desejos e alvos com o marketing capitalista: A fantasia dos produtos de grife e que representam poder e status na sociedade atual é alcançada com o "poder de Deus".

O problema desse enfoque é hermenêutico. A interpretação de certos textos bíblicos é equivocada. Com base numa interpretação incorreta de Gálatas 3.14, sugere-se que os cristãos devem herdar a bênção que Deus concedeu a Abraão. A bênção de Abraão chegaria aos gentios! E que bênção é essa? A resposta é: muitas riquezas. O texto de Gálatas é incorretamente relacionado com Gênesis 13.1-2! Assim, o legado de Abraão já não é mais a fé, mas “gado, prata e ouro”. Com raciocínio semelhante, sugere que Isaías 53.4,5 afirma que Cristo levou nossas enfermidades a ponto de não mais adoecermos. Ficar doente é pecado! Ou falta de fé! É importante ressaltar que a nova idéia não afirma apenas que Cristo cura e dá bênçãos materiais aos seus! A idéia é que temos direito a essas coisas, e que Deus está obrigado a nos concedê-las, a ponto de se tornarem um sinal de espiritualidade genuína. Portanto, cristão abençoado é cristão rico e fisicamente perfeito e sadio!

Uma leitura simples de alguns textos bíblicos mostrará como isso não subsiste. Em primeiro lugar, basta ver a história de Jó e dos profetas bíblicos para percebermos como tal sugestão hermenêutica não é realidade nem no Antigo Testamento. O Salmo 73, por exemplo, discute o problema da prosperidade dos ímpios. Quando lemos o Novo Testamento, o quadro é ainda mais desafiador para a frágil hermenêutica. Os apóstolos são presos e martirizados; João Batista, o precursor de Jesus, morre degolado; os crentes da Judéia recebem uma oferta da Macedônia por estarem passando por necessidades físicas. Será que eles não tinham fé? Estavam presos por terem pecado?

O fato é que a Bíblia toda nos ensina que Deus permite que enfrentemos situações difíceis para o nosso próprio bem. Nem sempre riqueza é "bênção". É verdade que um bom cristão, profissionalmente competente, tende a prosperar na vida, mas isso não quer dizer que quem está com problemas financeiros necessariamente está em pecado ou longe de Deus, e muito menos podemos acreditar no contrário, ou seja, que todos ricos estão espiritualmente bem. O importante é saber enfrentar toda e qualquer situação, como Paulo, que aprendeu a estar contente na fartura e na dificuldade (Fp 4.12-13).

Voltando à hermenêutica, como entender o texto de Isaías 53.4,5, citado em Mateus 8.17. Acaso não cremos no poder de Deus? Cristo levou ou não levou os nossos pecados? Por que então adoecemos? Como entender esses textos? Já mencionamos que os crentes do Novo Testamento ficavam doentes e muitas vezes não eram curados por Deus, como foi o caso de Timóteo com seus problemas de estômago (1Tm 5.23), de Trófimo (2Tm 4.20) e possivelmente do próprio Paulo (2Co 12.7-9). Além disso, sabemos que a obra da redenção efetuada por Cristo ainda não está plenamente concluída. Cristo, sem dúvida alguma, venceu a morte; mas qual o cristão que pode crer que jamais morrerá? Cristo venceu o pecado; mas todos sofremos tentações e lutamos contra a carne. De igual modo, Cristo levou nossas doenças e enfermidades, mas isso não significa que jamais adoeceremos. O pleno usufruir de todas as bênçãos da redenção só será possível depois da ressurreição, na vida eterna! Quem pretende antecipar tal realidade, está equivocado. Podemos pedir que Deus nos cure e nos restaure a saúde, pois ele é poderoso para fazê-lo, mas não podemos exigir isso!

Se esse raciocínio não subsiste a um exame teológico e hermenêutico, como devemos entender nossos problemas de enfermidade e de sofrimento? Precisamos reconhecer que alguns dos nossos problemas físicos têm razões genéticas. Há pessoas que têm tendência à depressão, a sofrer de diabetes, a adquirir muito peso, etc. Problemas genéticos não são causados pelo pecado nem pelo demônio! Como seres humanos frágeis, temos também problemas psicológicos. Muitos trazem traumas da infância e sofrem dificuldades pessoais que precisam ser tratadas com sabedoria, afeto e ajuda espiritual. O fato é que a causa imediata de muitos dos nossos problemas não é apenas sinal de nossa fragilidade humana. Por outro lado, também é verdade que muito do nosso sofrimento procede de erros, pecados e atitudes impensadas do passado, cujos resultados colhemos agora. É muito fácil colocar a culpa no diabo, na maldição hereditária, na indisposição divina. Afirmar que não somos responsáveis por nossas atitudes é "fugir da raia". Quando Paulo trata dos problemas das igrejas do Novo Testamento, ele o faz apelando à capacidade de compreensão dos princípios de Deus e possibilidade de obedecer-lhes. Timóteo não tinha um demônio no estômago, Evódia e Síntique não tinham falta de fé, Pedro tornou-se repreensível por agir deliberadamente de modo incorreto e não por tomar posse da bênção. Não se pode reduzir tudo a problemas "espirituais". Cada problema merece o seu tratamento certo. Se há possessão, oremos pela pessoa, pedindo a libertação que vem de Deus. Se há doença, vamos tratá-la com os remédios acessíveis e orar por ela ao Senhor. Se há pecado, levemos o irmão à confissão e ao arrependimento. Se há problemas psicológicos, vamos tratá-lo com nossos conhecimentos, com a ajuda de um bom

conselheiro cristão. E que Deus nos ajude a discernir a melhor maneira de agir nessas necessidades do seu povo.

Finalizando, gostaríamos apenas de enfatizar que nossa maior necessidade nesse contexto complexo e por vezes sem nexos é “muito bom senso pro povo, e Bíblia pra estudar e entender”.

Luiz Sayão